

## Rumos da Homeopatia são discutidos no Dia das Medicinas Não-Convencionais

No dia 10 de abril, dia do nascimento de Hahnemann, profissionais de saúde, estudantes e interessados em Homeopatia e outras terapias se reuniram na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para o 2º Dia das Medicinas e Terapias Não-Convencionais, promovido pela Câmara Municipal de São Paulo e pela Escola Paulista de Homeopatia. A primeira edição do evento aconteceu em 2002. Os participantes assistiram a palestras gratuitas sobre os princípios e conceitos da Homeopatia, Acupuntura, Antroposofia e Fitoterapia, e especialmente a aplicação prática dessas diversas terapias na saúde pública brasileira.

Toda a manhã foi destinada à homeopatia e o evento foi aberto pelos drs. Paulo Rosenbaum e Mírian Mansour, que aproveitaram para apresentar um panorama geral da especialidade, contar um pouco de sua história e falar sobre os métodos mais tradicionais. As características da homeopatia foram apresentadas pelas dentistas Eliana Pirollo e Ruth Barbosa, que falaram sobre sua aplicação na odontologia, e pelo veterinário Antônio de Oliveira Lobão, que falou da sua importância na veterinária e na ecologia.

Os médicos Gil Moreira e Hylton Sarcinelli Luz também tocaram em um ponto que suscitou discussões relevantes: do uso da homeopatia na saúde pública e o papel do Estado e das ONGs na promoção de sua integração ao sistema. Todos os palestrantes foram unânimes ao abordar os benefícios que esses métodos, ainda tratados como



“não-convencionais” pela maioria da população, poderiam trazer à saúde pública. Segundo pesquisas citadas pelos palestrantes, cerca de 90% dos profissionais do Hospital das Clínicas de São Paulo já afirmaram que gostariam de utilizar o método. Nos Estados Unidos, 75% da população recorre às medicinas não-convencionais.

No Brasil, porém, impera a desinformação. As terapias não convencionais permanecem como métodos informais de tratamento e recebem pouco ou nenhum investimento para pesquisa e os pacientes aderem aos tratamentos alternativos exclusivamente por acreditarem serem estes métodos diferentes dos convencionais. Outros acreditam que o tipo de tratamento é o mesmo da medicina comum, o que muda são os preços dos remédios. Para reverter essa situação, é extremamente necessário investir em ações de esclarecimento público.

Para o dr. Rosenbaum, a popularização da homeopatia é uma questão urgente, já que, segundo a Organização Mundial da Saúde, até a metade

deste século 50% das queixas clínicas serão de origem mental, o que demandará cada vez mais práticas médicas que consigam analisar não só a doença, mas as relações de cada paciente com sua enfermidade e sua recuperação.

Para que isso se torne uma realidade, é preciso não só baratear o serviço na saúde pública, mas também qualificar o atendimento e aumentar o número de profissionais disponíveis nas farmácias. O dr. Rosenbaum lembrou também que a criação de uma disciplina chamada de farmacoeconomia é decisiva para que os administradores repensem seus papéis diante das medicinas não-convencionais. A economia resultante da aplicação destes serviços, tanto em saúde pública como em pesquisas que desenvolvam estas tecnologias, trariam significativa redução de gastos e custos para os cofres públicos: na homeopatia, além do aspecto preventivo, os medicamentos não possuem royalties ou patente e custam, em média, até 900% menos que os medicamentos convencionais.

Estima-se, hoje, que algo em torno de 7 milhões de pessoas no Brasil, cerca de 90% pertencentes à classe média, procurem a homeopatia. O que deixa claro mais uma vez que os benefícios da medicina são de uso exclusivo dos que podem pagar, privando a saúde pública dos recursos das terapias não-convencionais e inflacionando o sistema de saúde no Brasil.

Para comprovar a eficácia do atendimento, a Faculdade de Saúde Pública da USP já realizou algumas experiências com homeopatia. Em um universo de 530 pacientes, 70% das queixas clínicas melhoraram ou desapareceram. Em apenas 3,2% dos casos foram solicitados exames laboratoriais e de cada 41 consultas apenas 1 paciente foi encaminhado a especialistas. Isso significou uma redução de custos para o hospital, pacientes mais conscientes, menor número de adocimentos, fácil atendimento e tratamento em qualquer parte do país.

Porém, mesmo com todos esses benefícios,



nenhum projeto ou proposta foi ainda apresentado à Câmara Municipal – que foi uma das promotoras do 2º Dia das Medicinas e Terapias Não-Convencionais. O objetivo agora é montar um grupo, formado por representantes das diversas terapias, para formular uma proposta de conscientização da população e convencer o governo a implantar ou ampliar o uso destas terapêuticas no sistema de saúde público e, ainda, investir em pesquisa para que a prescrição nas medicinas, chamadas de não-convencionais, tenha a devida acurácia, melhor acesso e perspectivas mais saudáveis para as pessoas.

### À tarde, outras terapias

Durante a tarde, foram discutidas as outras terapias. O dr. Ruy Tanigawa fez uma exposição bastante completa sobre acupuntura – técnica que vem despertando cada vez mais interesse e é indicada em casos de Lesão por Esforço Repetitivo, mal que atinge boa parcela da população. O dr. Ricardo Guelmann falou sobre antroposofia; e os drs. Augusto Fernando Petit Prieto e Maria Jacyra de Campos Nogueira, sobre fitoterapia. O evento terminou com uma clara explicação sobre a produção e efeitos dos medicamentos homeopáticos apresentada pelas farmacêuticas Amarilys de Toledo César e Márcia Gutierrez.